

O ENSINO TRANSVERSAL DE EMERGÊNCIA NOS CURSOS DE MEDICINA DO BRASIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Data de aceite: 01/03/2023

Tayane Costa Santiago

Acadêmica, Universidade Federal da Bahia

Thiago Santos Novais

Orientador, Cirurgia geral, Hospital Santo Antônio, Docente, Universidade Federal da Bahia

RESUMO: Antigamente o ensino de emergência não era incluído nas matrizes curriculares dos cursos de medicina do Brasil. Após o projeto Abem 50 anos e a lei nº 12.871 passou a ser obrigatório essa matéria bem como a aplicação prática desta ainda na graduação. As oportunidades de aprendizagem desde os anos iniciais da graduação apontam o eixo transversal como norteador do ensino de emergência. Para a revisão de literatura foi utilizado o método PRISMA e dentre os 262 artigos encontrados, apenas 10 foram selecionados após a leitura de seus resumos e textos completos. Foi visto que diversos são os modelos de ensino de emergência e que boa parte dos estudantes ficam satisfeitos durante o internato ao perceberem que mantiveram o conhecimento adquirido durante a graduação. O estudo teve

limitações de análise tendo em vista a falta de padronização do método de ensino e de avaliação do ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Educação médica. Emergência.

INTRODUÇÃO

Segundo Sorte, ÉMSB et al (2020), o ensino da disciplina de urgência e emergência nas escolas de Medicina apresenta lacunas, de modo que os alunos recém-formados se sentem inseguros e muitas vezes tecnicamente despreparados para o atendimento desse tipo de ocorrência. Paradoxalmente, após a conclusão do curso de Medicina, grande parte dos alunos, antes mesmo de ingressar em cursos de residência médica ou especialização, acaba trabalhando em setores de Urgência e Emergência, fato comprovado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM).

Até pouco tempo atrás, tal disciplina não fazia parte obrigatória do currículo de muitas escolas, enquanto o cenário enfrentado por esses médicos é de

aumento na prevalência de casos de Urgência e Emergência, visto que há uma elevação na expectativa de vida, na sobrevivência de pacientes com doenças crônicas e no número de acidentes de trânsito e de violência interpessoal. A formação de profissionais da área da saúde tem sofrido uma série de reestruturações com o objetivo de suprir as carências relacionadas principalmente à capacidade efetiva de resolução dos problemas de saúde da população brasileira.

Em 2001, o Ministério da Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação na área da saúde (DCN) e estabeleceu as competências e habilidades gerais a serem desenvolvidas no processo de formação do médico – atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, e educação permanente –, buscando romper com o modelo tradicional de formação.

Em 2013, a Lei nº 12.871 passou a exigir que na graduação de Medicina houvesse pelo menos 30% da carga horária do internato destinada às atividades na atenção básica e em serviços da UE do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse período, os alunos devem praticar suas habilidades por meio de treinamento intensivo em unidades de pronto atendimento (UPAs).

Em serviços de emergência, a oferta de empregos é maior que a procura e a experiência na área não é sempre exigida para o trabalho no pronto socorro. O mercado é então propício, e o médico recém-formado acaba se inserindo precocemente nesses serviços. A identificação e a sugestão de oportunidades de aprendizagem desde os anos iniciais da graduação apontam o eixo transversal como norteador do ensino de emergência e seguem as recomendações da Associação Brasileira de Educação Médica (Abem) e de referências internacionais.

O desenho transversal permite aproximações sucessivas do mesmo objeto, utilizando variadas metodologias de ensino e em diferentes cenários de aprendizagem permitindo assim uma apreensão mais eficiente do conhecimento. Diante disso, esta pesquisa busca analisar o ensino transversal de emergência dos cursos de medicina e suas repercussões para a formação médica nos últimos dez anos a partir de uma revisão da literatura.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, conduzido conforme a metodologia Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA). Para identificar os artigos acerca do assunto realizou-se a busca nas bases de dados Scielo, Google acadêmico, BVS e PUBMED, no mês de outubro de 2021 com a seguinte estratégia de busca: (Ensino) OR (Educação médica) AND (Emergência). Somente foram utilizados termos em português. Buscas manuais foram feitas nas referências bibliográficas dos artigos encontrados.

Para a inclusão dos artigos, foram empregados os seguintes critérios: textos que

envolviam a percepção dos estudantes de medicina, que falavam sobre o ensino de emergência na graduação realizados no território brasileiro, publicados em periódicos em língua portuguesa, no período de 2011 a 2021, com textos disponíveis na íntegra. Foram excluídos 241 textos que não falavam sobre o ensino de emergência.

Após a consulta às bases de dados e a aplicação das estratégias de busca, foram identificados estudos que apresentavam duplicidade entre as bases. Foram lidos todos os resumos resultantes. Nos casos em que a leitura do resumo não era suficiente para estabelecer se o artigo deveria ser incluído, considerando-se os critérios de inclusão definidos, o artigo foi lido na íntegra para determinar sua elegibilidade.

Foram selecionados 21 artigos, desses 11 foram excluídos pelos seguintes motivos: 7 artigos duplicados, 1 era relato de caso; 1 estudo era relato de experiência da liga acadêmica; 1 era a perspectiva do ensino a partir de uma liga acadêmica e um não possibilitou o acesso.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em RODERJAN AK, 2021 nota-se uma melhora das notas dentro da simulação de OSCE em emergência. O esperado de acordo com a literatura pois com o tempo a exposição à prática, mais avaliações, melhorias a cada feedback e preparações para a prova de residência aumentam a nota e o conhecimento. Apesar disso houve um discreto aumento no quesito de reconhecimento de emergências e sabe-se que é fundamental aos médicos de serviço de emergência saber reconhecer uma emergência e – principalmente – estarem aptos a fazê-la de maneira ágil e em qualquer circunstância (PEREIRA GA, 2015).

Já em SORTE EM. 2020, o ensino da emergência foi mostrado suficiente para os alunos do internato que estavam lidando com situações em que necessitavam utilizar de conhecimentos sobre emergência, sua política de atenção e os instrumentos para acontecer de forma efetiva a linha de cuidado. Os estudos de DIAS, 2016 e AGUIAR et al, 2011 e FERNANDES, 2014 corroboram esses achados. Esses autores relatam a importância do ensino da urgência e emergência ainda durante a graduação médica, mostrando que ele deve ocorrer de forma transversal ao curso e que é necessária ainda a participação de forma ativa do estudante a fim de expor tais ensinamentos em sua graduação. Segundo PURIM, 2016, o treinamento incorporado na graduação contribuiu para formar médicos com competências gerais para se inserir no mercado de trabalho, atender as necessidades de saúde da população e manter compromisso com o aprimoramento profissional, ressaltando os estudos acima descritos.

Em SENGER MHC, 2016 vê-se a proposição de matrizes curriculares de forma que o ensino de emergência seja longitudinal permitindo assim aproximações sucessivas. Os estudos de CAMPOS, 2014, e FERNANDES, 2014, mostram satisfação dos estudantes do estágio obrigatório em emergência quanto ao seu ensino sobre o tema durante a graduação.

Dito isso, vale ressaltar que no primeiro estudo supracitado os estudantes relatam que a aproximação com os temas relacionados à emergência permeia todos os semestres e no segundo estudo não fica claro esse fato.

Em FILHO, 2020, nota-se a importância da inserção no ambiente hospitalar para a obtenção de conhecimentos acerca das principais ocorrências atendidas, levando a maior experiência prática e aplicabilidade na área. À medida que em NASR, 2012, mostrou um aumento de autoconfiança (92%), incremento no conhecimento técnico (75%) e necessário para a formação acadêmica (80%). Apesar dos estudos acima revelarem pontos positivos sobre o estágio curricular, eles concluem que a carga horária dedicada às experiências práticas vivenciadas no contexto de emergência é insuficiente para o aprendizado efetivo e o treinamento adequado visto que a gravidade dos casos atendidos exige, diversas vezes, competências profissionais específicas.

Em FLATO, 2011, propõe-se um aprendizado baseado em simulações realísticas e através de uma revisão de literatura mostra a importância dessa ferramenta para o ensino e para garantir o melhor cuidado para os pacientes no contexto de emergência apesar de revelar as limitações em número da pesquisa. Já em LIMA, 2019, percebeu-se a aplicação da simulação realística de maneira transversal e concluiu-se que as habilidades em triagem e avaliação primária foram satisfatórias, porém alguns aspectos que poderiam alterar o desfecho da vítima necessitam de mais treinamento e empenho.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, é notável a necessidade de padronização no que tange a análise do ensino de emergência nos cursos de medicina visto que nesse estudo encontrou-se limitações para determinar as repercussões na formação médica do ensino transversal em emergência visto que os autores propõem modelos diversos de mensurar o mesmo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº. 04 de 07 de novembro de 2001. Institui as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina. Diário Oficial da União. Brasília, 09 nov. 2001; Seção 1, p. 38

CAMPOS, MARIA CELESTE GONÇALVES E SENGER, MARIA HELENA. Avaliação do estágio de urgências clínicas em uma unidade de pronto atendimento sob a perspectiva dos alunos. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2014, v. 38, n. 1

DIAS NS. Percepção dos alunos do nono semestre de graduação sobre o ensino de urgência e emergência na Faculdade de Medicina da Bahia [monografia]. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia; 2016

FEITOSA FILHO GS et al. Characteristics of training and motivation of physicians working in emergency medicine. **Rev. Assoc. Med. Bras.** 2017;63(2):112-7

FERNANDES, CLÁUDIA REGINA et al. Ensino de emergências na graduação com participação ativa do estudante. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2014, v. 38, n. 2

FILHO, AILTON. A Inserção de Acadêmicos de Medicina na Sala Vermelha e a Complementação ao Ensino de Urgência e Emergência: Relato de Experiência. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 2396-2405 mar./apr. 2020.

FLATO UAP E GUIMARÃES HP. Educação baseada em simulação em medicina de urgência e emergência: a arte imita a vida. **Rev Bras Clin Med**. São Paulo, 2011

LIMA, DANIEL SOUZA et al. Simulação de incidente com múltiplas vítimas: treinando profissionais e ensinando universitários. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões** [online]. 2019, v. 46, n. 3

NASR, ADONIS et al. Estágio voluntário em pronto socorro: instrumento para a formação médica de qualidade. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, 2012, v. 39, n. 4

PEREIRA JUNIOR GA, FRAGA GP, ARNAUD F, GULA EA, SLULLITEL A, GARCIA VL. O Ensino de Urgência e Emergência de acordo com as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais e a Lei dos Mais Médicos. **Cadernos ABEM**. 2015

PURIM KS, BORGES LDE M, POSSEBOM AC. Profile of the newly graduated physicians in southern Brazil and their professional insertion. **Rev Col Bras Cir**. 2016

RODERJAN, A. K. et al. Competências clínicas do aluno de medicina em urgência e emergência: análise evolutiva através do OSCE. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 4, 2021.

SENGER, MARIA HELENA E CAMPOS, MARIA CELESTE GONÇALVES. Matrizes para a Aquisição de Competências no Ensino de Urgências Clínicas / Ensino de Urgências Orientado por Competências. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2016, v. 40, n. 2

SORTE, ÉRICA MANUELA DA SILVA BOA et al. Análise da Percepção de Acadêmicos sobre o Ensino de Urgência e Emergência em Curso Médico. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2020, v. 44, n. 03